

Globalização financeira: contradições e crise sistêmica

O processo de globalização financeira tem produzida uma série de fenômenos nunca observados na história do capitalismo. A partir do início da década de 80 passou-se a verificar nos países centrais e, posteriormente, nos chamados países emergentes, uma predominância cada vez maior da área financeira sobre a produtiva, o que vem provocando um deslocamento sem precedentes de capitais da órbita da economia real para a órbita dos negócios especulativos - como se o capitalismo atual buscasse inverter o processo histórico de valorização na área produtiva para realizá-lo no setor financeiro.

Esta conjuntura foi facilitada enormemente pelo desenvolvimento técnico-científico do pós-guerra e pela inserção dessa nova tecnologia na alavancagem dos negócios. Assim, a construção dos satélites, a universalização dos computadores, a invenção das fibras óticas, a emergência da Internet, entre outros, proporcionaram ao sistema financeiro realizar operações globais 24 horas por dias, aproveitando-se dos vários fusos horários mundiais. Essa velocidade de operações on line fez com que os capitais passassem a dispor de enorme mobilidade, podendo entrar e sair de uma País em questão de minutos e transformando a economia mundial numa espécie de grande cassino financeiro, onde o volume das operações diárias são extraordinariamente superiores àquelas que ocorrem na área produtiva. Atualmente, a dinâmica do capitalismo mundial está profundamente influenciada pelo processo de especulação global e praticamente todas as esferas econômicas estão aprisionadas pela lógica especulativa, particularmente as empresas produtivas e o Estado. Como os negócios na área financeira proporcionam rentabilidade mais rápida que na produção, as empresas produtivas, pressionadas pelos acionistas – ávidos por dividendos cada vez maiores – deslocam crescentemente parte de seus recursos para a especulação financeira. Por outro lado, o Estado, em função das altas taxas de juros pagas pelos títulos públicos, compromete parcelas cada vez mais expressivas de seu orçamento com o pagamento de juros, o que leva a reduções dramáticas de gastos nas áreas sociais.

Todo esse conjunto de problemas tem repercutido de maneira acentuada na conjuntura econômica mundial. Cada vez mais aumenta o volume de recursos na órbita financeira em relação à órbita da produção. Como o capitalismo não pode se desenvolver no longo prazo com a órbita financeira hegemonizando a dinâmica da economia mundial, em algum momento o sistema cobrará uma relação mais harmônica entre finanças e produção, o que pode ocorrer mediante uma crise sistêmica.

Alguns elementos dessa crise já podem ser observados num conjunto de crises menores que vem ocorrendo sistematicamente após 1994. A primeira dessas manifestações foi a crise do México, que envolveu uma economia que na época era a menina dos olhos do neoliberalismo. Posteriormente seguiu-se a crise asiática, agora envolvendo todo um continente, com repercussões econômicas, sociais e políticas. Em seguida veio a crise da Rússia, do Brasil e da Argentina. Esta, por sua gravidade, pode ser compreendida como uma espécie de modelo do que poderá ocorrer com a economia mundial no caso de uma crise sistêmica. A última corrente desse processo foi a crise das empresas pontocom, agora no coração do sistema, atingindo as empresas consideradas as mais modernas e dinâmicas da economia norte-americana. Essas crises podem ser vistas como manifestações de problemas profundos na economia mundial capitalista, mais precisamente, como a contradição entre o enorme descolamento entre a órbita financeira e a órbita da produção. Como a história tem ensinado, essa conjuntura não pode durar eternamente, pois a órbita financeira não gera valor. Portanto, o sistema não poderá se desenvolver acumulando capital fictício. Em algum momento, haverá um ajuste de contas entre os dois setores, com grande crise e esterilização da parte especulativa do capital fictício.